

# Gaúcho



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 20 de Março de 1982 \* Ano XXXIX — N.º 992 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Calvário

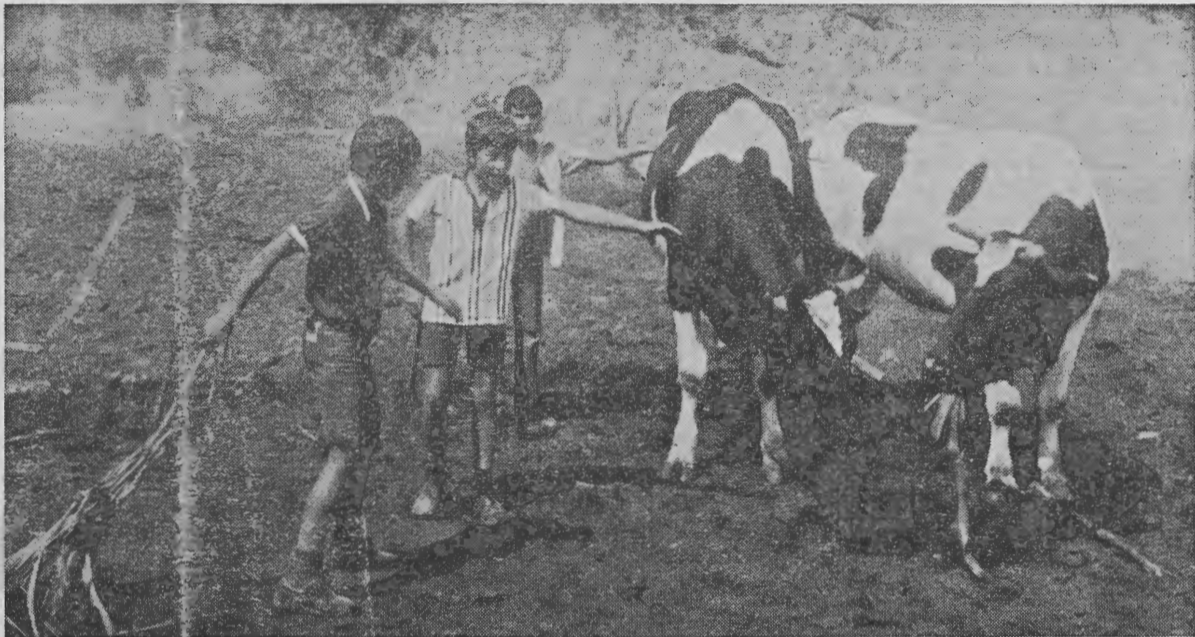
A manhã está clara e serena. O céu profundo. Nele o sol brilha mas não aquece. Não há brisa, mas o ar é gélido. Os campos vão-se tornando verdes, à medida que a geada se desfaz. Rente aos muros, onde a sombra permanece, a erva está coberta de fina camada de gelo. Há, aqui e ali, poças de água vidrada. Os pássaros, abrigados na copa das árvores, chilreiam felizes. Gosto destas manhãs de paz!

Desço aos campos da quinta. Fios de água correm pelos regos onde a erva é mais verde e forte. Os muros, alcatifados de musgo, suportam os socacos e as vides que nas ramadas espreguiçam os braços sem folhas. Neste muro, a meu lado, há buracos largos que outrora serviram de apoio a bancas de carvalho de ramadas antigas. Hoje estão vazios. Vazios não. Reparo que em todos eles há ainda palha, bonecos de barro e ramos de pinheiro. São seis cavidades por alguns metros separadas. Na última o presépio está quase intacto. Foram os rapazes que o fizeram. Nada mais pobre. Nada mais belo, também. Simples mas exacto. O menino está ainda nas palhas já escurecidas. Estes rapazes, que aqui tenho, multiplicaram o presépio nes-

tas cavidades do muro. Forram o seu interior com musgo. Decoraram com os elementos que tinham à mão. E fizeram beleza. Por certo eram todos semelhantes. Quem os ensinou? É o instinto. É a alma que os pede. O seu viver de outrora tinha tido algo de presépio. E brotou aqui o que lhes vai dentro. Eles sentem que o Menino volta e preparam o local de encontro. Eles querem afirmar que Ele é como eles — simples e humilde.

Metros andados, gata cinzenta dá um salto, vinda não sei donde, e entra na gateira de arejamento de beiral. Aguardo. Ela surge para me saudar. Não é a primeira vez que a vejo ali penetrar sorratamente. A sua ninhada recente fá-la regressar vezes sem conta a este abrigo. O seu mundo está aqui. Ela não esquece os seus. Os homens são, por vezes, tão diferentes. Depressa deixam cair no esquecimento aqueles que são seus. No Calvário, o «Kaki», cego e anormal, mais o Arménio, epiléptico e deficiente profundo, foram recebidos nesta Casa há vinte e um anos. Até hoje ninguém os procurou. O primeiro foi abandonado na capital; o se-

Cont. na 4.ª página



«Não salvamos muitos, mas a todos oferecemos os meios de o fazerem»: Mesa posta, escolas em actividade, oficinas com vida, capela a convidar, animais e campos. «Eis aqui o valor da Obra da Rua» — sublinha Pai Américo.

## VISTAS de DENTRO

● Mais uma aventura do «Príncipe» e do «Vinte e seis»: Enquanto um grupo de visitantes jogava o futebol, aproveitaram o silêncio dos balneários e retiraram, dos bolsos, isqueiros e dinheiro!

Os nossos mais velhos ficaram com vergonha; os visitantes, escandalizados. E com razão. Nós tristes... Mas logo com o propósito de recomeçar (todos os dias recomeçar!) a conversação destes dois rapazes ao bem. Custa muito quando

os hábitos estão profundos e tenazes.

Amboz tiveram uma infância triste, sem uma chamada ao amor. Não estarão eles procurando uma atenção que sempre lhes foi negada — desde o seio materno?

Que os senhores perdoem ao «Príncipe» e ao «Vinte e seis»... E se têm filhos — ou quando os tiverem — ponham neles toda a ternura e compreensão dentro, sempre, da total exigência do bem.

● «Não salvamos muitos, mas a todos oferecemos os meios de o fazerem. Eis aqui o valor da Obra da Rua» — afirma Pai Américo.

Mesa posta, escolas em actividade, oficinas com vida, capela a convidar, animais e campos. Muitos, recusam. E cheios de ilusões, lá vão. É um sal amargo. Ficamos tristes como lágrima em rosto de criança... Mas ela cai. Talvez fecunde. Primeiro, a saudade; depois, o amor à Obra e aos irmãos.

Um dia encontrei um dos nossos nas campinas de África. No afã da vida quase esqueceu a Obra da Rua e o Pai Américo — de quem recebeu tanto carinho. Atravado pela guerra, veio com toda a família e de mãos vazias. Entrou na sua terra de braços caídos sem saber a quem pedir abrigo para os seus. O Pároco com um grupo de senhores

veio ter com ele; e, sem mais, entregaram-lhe uma casinha do Património dos Pobres — das primeiras que Pai Américo tinha construído. Foi violenta a surpresa! Ele chorou diante de todos!

As flores e os frutos daquela lágrima que caiu no chão!

● Foi à tardinha. Vi-os subir avenida acima, fazendo gestos largos, apontando para tudo e rindo... rindo. Embriagados, pensei. E eram, mas de saudades pela longa ausência. E vai de recordar todos os momentos da infância e todos os recantos da quinta:

Vieram os três, pequeninos; um deles ao colo duma Irmã de caridade. Era ainda o velho mosteiro onde viveram com Pai Américo. A construção da nossa Aldela, em Paço de Sousa, começou com eles. Como não recordar?!

— Natais mais lindos!, nunca mais passei... — diz um.

— ...

— Rara era a semana que eu não aparecia no nosso tribunal... Parece-me que estou a ver Pai Américo: «Ó «Luandiz-me lá como foi?» — diz outro.

São eles — hoje homens feitos e já com netos — a dizerem que valeu a pena. De olhos a saltar das casas à mata, das latadas às fontes — e mesmo à boca das lágrimas saudosas.

Padre Telmo

## AQUI, LISBOA!

● Progresso material não significa progresso moral. Infelizmente, para lá de todos os avanços científicos e tecnológicos, é patente que, em muitos sectores da vida, se verificam verdadeiros retrocessos. Perda de dimensão ética, o homem brutaliza-se e, possuidor de recursos técnicos e científicos como nunca, deles se serve, para realizar os crimes mais horrorosos, uma verdadeira barbárie, requintada e revestindo os aspectos mais sofisticados. Os horrores dos campos de concentração af estão para o demonstrar.

Vêm estas considerações a propósito da campanha a favor do aborto, esse «crime abomi-

nável» — para usar a expressão do Concílio Vaticano II — que se pretende justificar utilizando os argumentos mais atrabiliários e aduzindo razões de uma falta de consistência aterradora.

Na primeira Conferência Internacional sobre o Aborto, realizada em Washington, em 1967, cientistas dos mais reputados, cerca de sessenta, com apenas um voto de discordância, concluíam não poder afirmar que não passasse a existir vida a partir do momento da fecundação ou pelo menos a partir do chamado blastocisto, isto é, das primeiras divisões do ovo que ocorrem na primeira semana após

a fecundação. Outros cientistas, geneticistas, bioquímicos, médicos, professores, investigadores, etc., têm afirmado por esse Mundo fora o mesmo... O novo ser, dotado, portanto, da sua própria personalidade, existe a partir da concepção, embora, como é óbvio, tenha vários estádios a percorrer até atingir a sua plenitude, desde o ovo à separação do ventre da mãe. Os estudos e as investigações da moderna Embriologia assim o atestam.

Posta a questão nestes termos, ainda que para alguns possa haver dúvidas, o aborto não é mais do que um crime,

Cont. na 4.ª página

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Paço de Sousa

**VISITANTES** — Todo o ano, aos fins-de-semana, vem à nossa Aldeia grande avalanche de gente, pela amizade que nos tem. Vêm visitar-nos e conviver um pouco conosco.

Esta é a prova mais que suficiente de que Pai Américo não se enganou ao afirmar que a Obra só iria começar quando ele morresse.

Desde que as Casas do Gaiato foram fundadas, tivemos sempre provas de grande amizade; e são as pessoas que nos visitam que no-las dão, seja no Inverno, Verão, Outono ou na Primavera. A nossa Aldeia encontra-se sempre em grande movimento!

Venham sempre. Somos a Porta Aberta para todos, de norte a sul do País.

**OBRAS** — Como já noticiámos, a nossa Capela entrou em obras.

No que diz respeito ao exterior as paredes foram picadas e cimentadas, as pedras lavadas. Quanto ao interior, os arranjos começaram no tecto e as falhas que existiam nas paredes já foram tapadas.

A Capela é o centro da nossa Vida. Por isso, deve ser aconchegada e ter o mínimo de condições para os actos litúrgicos.

Também a casa-mãe entrou em obras: caiação e pintura, o que dará um aspecto mais vistoso ao edifício central da nossa Aldeia.

Acontece, que não é só a Capela e a casa-mãe que beneficiam de obras; a nossa vacaria, também, nu-



«Marinho» e Albertina casaram na Capela da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

ma tentativa de lhe dar melhor funcionalidade. Fizeram-se novas cortes para as crias, tendo um sistema que as garantam sempre limpas e secas.

As obras continuam; são um grande sorvedouro de capitais! Sempre que tenhamos oportunidade, daremos notícias.

**MATA** — Pai Américo sempre teve uma grande predileção pela nossa mata. A casinha para onde se retirava nos momentos de maior angústia ou cansaço, está lá.

Acontece, porém, que os acessos eram um pouco maus, o caminho muito estreito, o que tornava difícil os carros andarem por ali. Por isso, uma máquina veio para alargar o caminho e limpar parte da mata, coberta de capim e de giestas.

A parte que está a ser limpa, terá utilidade, visto que se pensa cultivar esse terreno.

Que o trabalho vá avante, para esta parte da nossa Aldeia ficar mais vistosa.

**POMAR** — Quem não aprecia uma bela maçã ou uma deliciosa pera?! A fruta é um alimento importantíssimo nas refeições. O nosso pomar, em decadência, obrigou a ser plantado um outro nos campos da mata. Dois campos já estão cobertos de tangerineiras. E outros, ainda, estão a ser preparados para outras fruteiras: pereiras, macieiras, pessegueiros, etc. Esperamos, com grande ansiedade, os deliciosos frutos do novo pomar. Embora o antigo não tenha rendido aquilo que se esperava, a fruta não tem faltado em nossa mesa. Um nosso amigo do Mercado da Fruta, do Porto, dá-nos, todas as semanas, caixas e caixas dela, para enriquecer as nossas refeições. Obrigado.

**FÉRIAS** — Foi tempo de Carnaval, alegria e brincadeira. Foi, também, tempo de descanso para aqueles que levam uma vida mais intensa na nossa Aldeia: trabalho e estudo.

Embora o tempo seja pouco, foi aproveitado como uma pausa escolar em que os estudantes nocturnos adquiriram mais energias para continuar o segundo período — mais longo e cansativo.

Esta época do ano tem sido muito esperada pelos nossos rapazes.

Há dias, os nossos «Batatinhas» maiores educadores infantis que se encontram a estagiar em nossa Casa, mascararam-se e foram dar um passeio pelas redondezas. Como eles andavam contentes!

**DESPORTO** — Realizamos um torneio de ténis de mesa com uma equipa dos C. T. T., do Ponto. Perdemos por 5-2.

A visita foi promovida pelo Fernando (ex-«Girafa»). Não é este o primeiro grupo que o Fernando traz até nós. Há tempos, trouxe uma equipa de futebol.

Não temos feito jogos ultimamente, embora estejam marcados. Acontece, porém, que duas equipas que nos tinham convidado não apareceram.

Para evitar isto, pedimos às equipas amigas que nos avisem se vêm ou não.

Agradecemos a atenção.

**ESTUDANTES** — Esteve, entre nós, o Ricardo, brasileiro que frequenta o 1.º ano da Faculdade de Medicina do Porto. Anteriormente já havia passado um mês conosco e gostou de tal maneira da Casa que não resistiu a trazer alguns seus amigos da Universidade para passar um domingo em nossa Aldeia, para «mostrar aos meus amigos da Faculdade os meus amigos da Casa do Gaiato» — dizia.

Nenhum dos Amigos que trouxe conhecia a Casa do Gaiato. Mas gostaram. E, quando foram embora, levaram a colecção de livros de Pai Américo para melhor conhecerem a nossa Obra.

Este grupo de estudantes — um da Faculdade de Engenharia, os outros cinco de Medicina — deixaram, entre nós, a sua amizade que procuraremos cultivar mais.

Desejamos que tudo corra bem, nos estudos e na vossa vida.

«Réguas»

## Tojal

**AGRICULTURA** — A sementeira da batata arrancou em força na nossa Casa; os encarregados de a semear são poucos mas têm confiança que, se o tempo ajudar, conseguem dar conta daquilo que tanto eles gostam de ver à mesa.

Temos de aproveitar a sementeira na parte da manhã, com os estudantes, e aos sábados, visto que os rapazes que temos são pequenos e não a sabem fazer (isto não quer dizer que não tenham gosto); os dias deles chegarão.

Dá gosto vê-los, ao findar do dia, com a enxada na mão e os mais pequenos com as latas, na sementeira.

Eles sabem que não são os outros que vêm fazer por eles.

«Quem não trabaça não manduca.»

**PEDIDO** — A chuva continua a cair, os rapazes precisam ir para a Escola (não são nada poucos) e faltam guarda-chuvas, como é óbvio.

Eles sabem que os estudos podem ser o seu futuro (é só quererem).

Ora vejam os nossos Amigos que até o sr. Padre Luiz teve, agora, de dar o seu chapéu de chuva a um dos rapazes! Se formos a ver bem a situação, ele até precisa mais porque é calvo. Temos de arranjar uma solução para isto. E, com certeza, os nossos Amigos poderão dá-la.

Félix

**MÚSICA** — Aproveito a boleia desta crónica do Tojal para dirigir mais um pedido de interesse comunitário:

Precisamos, com alguma urgência, de músicas em disco, na versão instrumental, para ilustrar textos (dramáticos e poéticos) com vista à Festa deste ano. Sobretudo a composição «Concerto para uma voz».

Fico a aguardar a vossa colaboração. Comunicuem comigo, por escrito, para Casa do Gaiato — Santo Antão do Tojal — 2670 Loures.

Jorge

## Setúbal

**FÁTIMA** — Ele era vaqueiro. Agora é meu. É carpinteiro. Está no princípio. Cada coisa nova que aprende, enche-o de alegria. Tem dezasseis anos e tem gosto de saber. Assim eu saíza ter paciência. Ainda um dia destes lhe expliquei como devia esconder as cuecas com a camisa. A alegria dele! — «Obrigado».

Com este obrigado e outras provas de humildade desse e doutros rapazes, como podemos nós ficar inertes? Eles aprendem. Nós aprendemos mais no amor de servir...

**GAIATOS «VELHOS»** — Eles organizaram-se. Uns chamaram outros. Desta vez foi um passeio. Convívio deles: gaiatos, gaiatas e filhos. Tudo à gaiato. Agora é que se vai saboreando o S. Miguel: A semente, um dia lançada, não ficou estéril; e nós sabemos que é a própria sociedade, que um dia fechou os olhos e não quis ver, que colhe agora os frutos. Os filhos deles são a prova. Que regalo ver estes nossos casais dar aos seus aquilo que muitos de nós não tivemos!

Escrevo no meio deles, dentro da camioneta, onde o convívio cheira à gaiato. Uma Família! Como Pai Américo colhe os frutos com o sorriso que tão bem conhecemos! «Nós somos uma palavra nova que se levanta em Portugal.»

Cada um, à sua maneira, testemunha na vida esta frase sempre acesa de Pai Américo.

Ver os filhos integrados na vida é ambição de todos os pais. Nós não fugimos à regra.

A noitinha foi a despedida. Muitos deram largas ao seu regozijo e sentiram a necessidade de mais convívios.

Nós acreditamos na entesajuda destes casais gaiatos. Que eles dêem testemunho, para bem doutros que hão-de trilhar o mesmo caminho. «Somos um palavra nova...»

**O NOSSO LAR** — A senhora não tem estado. Rodrigues é o chefe. Zé Manuel é o cozinheiro. Pedir instruções ao chefe do que hão-de ser as refeições. A uma certa hora lá vai ele até à cozinha pôr o sabor da sua iniciativa.

A malta tem gostado. A comida conta prà boa disposição.

**FESTAS** — Há uma comissão de responsáveis. Os gaiatos «velhos» estão metidos. Cada um prometeu ajudar no que puder. Eles gostam de colaborar. Eles sentem o dever. Querem ser úteis. E deixam os seus lares p'ra vir prós ensaios. Já isto é festa p'ra nós. Eles naquilo que é deles. Outros, de dentro, já começaram a ensinar passos de dança. A Festa é preciosa. Ainda ontem, numa drogaria, uma senhora me perguntava quando. Outros Amigos estão à espera que saia a notícia das marcações para procura dos bilhetes.

Nós sentimos a responsabilidade.

**TRABALHO** — Tem sido uma azáfama, cá em Casa. É a sementeira da

batata; é a colheita da laranja; é a preparação das terras; é a construção da casa três — tudo com a *prata da casa*. Muito esforço, muita cansaça, mas muita alegria quando se saboreia o fruto desse trabalho.

Ernesto Pinto

## MIRANDA DO CORVO

**AGRICULTURA** — Durante as férias do Carnaval a nossa ocupação primordial foi a agricultura.

Assim, lá tem andado, na vinha, um grupinho com o Paulito, a retirar as ervas e a grama, prejudiciais ao bom desenvolvimento e crescimento das videiras, das árvores de fruto e das batatas que, posteriormente, são semeadas nas suas leiras. Foi o trabalho que se seguiu após se haver fresado a terra; e como as fresas não podem ir a todo o lado, há certos e determinados trabalhos (como é o caso em questão) que devem ser feitos manualmente.

Depois desta fase foram feitas cerca de 280 covas para se plantarem nossas videiras (substituição das videiras secas e preenchimento de espaços que as não tinham). Em reduzida quantidade foram também feitas covas para a plantação de árvores de fruto (por algumas terem secado e haver lugar para outras).

Também o «Rebola» andou a sulfatar as árvores de fruto para que não sejam invadidas pela bicharada prejudicial e dêem bons frutos.

Sim, sim; para os alimentos nos aparecerem no prato, há que preparar a terra (lavrando-a, estrumando-a e adubando-a); lançar nela as sementes, tratar (sulfatando, regando, pondo adubo, podando) e, finalmente, colher.

Também Deus assim faz conosco: depois de preparar os nossos corações, lança a semente da Sua Palavra; só que, muitas vezes, temos as tais ervas e a grama (os nossos pecados, ambições e interesses) que são prejudiciais ao bom desenvolvimento, crescimento e frutificação da semente. Para além da morte faz a colheita dos nossos frutos. Consoante a colheita é boa ou má, assim Ele de nós decidirá.

**CARA NOVA** — Há dias veio para nossa Casa um pequenino com os seus dois anos e chupeta que (como quase todos os outros que para cá vêm) tem sua família destruída. Uma cara bastante viva e sorridente. Mal sabe ele, com certeza, do ambiente «familiar» em que vivia! É só olhar para a cara e logo se nos depara a inocência estampada pelo sorriso, pela vivacidade, pela alegria que agora vive, mas que poderá não viver quando para ele a noção das coisas for muito legível e palpável.

Que Deus ajude os mais responsáveis na educação das crianças (se bem que o somos ou devemos ser todos) a fazer dele um homem de valor, já que os seus, o não quiseram ou não puderam fazer.



# UMA CARTA

«Quero dizer-lhes porque estou alegre, que a casa embarcada do casal por quem eu tenho lutado, sem quase ter progressos, está progredindo. O casal lá compreendeu que é preciso ajudar, para ser ajudado; pediu, humilidou-se — como diz o povo — e os vizinhos e parentes juntaram-se e deram-lhe um empurrão. Num fim-de-semana, até 3 irmãos que vivem em Lisboa vieram e trabalharam a valer. Os dois carpinteiros vizinhos que não os queriam ajudar porque os beneficiados se portavam arrogantes com eles, perante a sua viragem, viraram também e a cofragem das escadas foi feita. A Junta de freguesia forneceu os pinheiros. Eles conseguiram madeira, pagando à fábrica. Em tudo isto muito tem ajudado a irmã mais nova que já lá tem a sua casinha e ora compõe e empurra dum lado, ora de outro. Deus é imenso e quando é preciso Ele sopra. Eu cá vou ajudando materialmente. A casa é clandestina. Onde tinham eles para todas as alcava-

las? Naquele lugar era o curral, onde os pais criaram os 7 filhos que Deus lhes deu. Já construiu a filha mais nova, mas mais atilada. Agora está a ser a mais velha, mas menos favorecida. A Guarda Republicana, no seu giro, passou e multou. Hoje, de manhã, cá estava ela a contar as suas desditas e a mostrar a multa. A irmã, minha empregada, acudiu e ela foi à Câmara pagar a multa. Oxalá se não lembrem de embargar. Só tenho medo disso. Se os apinho lá dentro, com paredes, portas, janelas e sanitários, até respiro melhor. Os meus «fundos» vão afundando e receio não poder cobrir todas as despesas até final. Eles pouco têm. O povo admira-se de como eles vão conseguindo. Ela andou na resina. Há um filho que é meio anormal mas trabalha nas terras e vai dando o seu dia fora às vezes, mas só tem 14 anos. Há uma rapariga de 15 anos que sofre de reumatismo infeccioso e bastas vezes cai à cama. Difícil arranjar-lhe traba-

lho e ela poder trabalhar. É só o ordenado do pai que não passa de ajudante (e ainda por cima é explorado no ordenado, pelo patrão). Como é muito atrasado intelectualmente, não progride e não passa do mesmo. Os cunhados são operários de 1.ª classe; ele não passa da cepa-torta. Mas tem direito à sua casa! Não pode viver no curral em que só existe, para arejar e iluminar, a porta de entrada. Eu dou-lhes de cada vez que a casa avança, e vejo material novo, 20 ou 25 contos como incentivo. Se eles param, eu paro. Eu não pretendo, nem posso, pagar todos os materiais. Quero que eles se sacrifiquem a pagar o que há-de ser seu e não fiquem só à espera do que há-de cair do céu. Mas também sei, pelo preço do custo de vida, que sozinho não chegam ao fim. Impossível. Mas também sei, diz-mo a Fé, que eles vão ter a sua casa. Entrego nas mãos de Deus este caso.»

Vem das nossas Beiras esta

carta. Dita-a o coração incapaz de repouso de velha Professora que, sem os trabalhos das gerações que anos e amor lhe encheram a vida, redobra de inquietação por quem não tem o mínimo, tanto quanto de inconfirmação e mesmo revolta perante os que se acomodam num viver burguês — tendência tão universal e tão perigosa!

Nunca nos vimos, mas somos correspondentes de há muito. Daí o hábito de partilhar, de que esta carta é um acto, hoje motivado pela alegria contrastante com muitos momentos de derrota em que este caso tem sido pródigo.

A carta esclarece suficientemente o estado da questão. Levantar uma casa ainda é o mais fácil. Erguer os que, pobres de espírito, se deixaram prostrar pela dureza da vida, exige uma alma forte, tenaz, que esta Mulher possui e a empenha, desde alguns anos, neste precioso empreendimento. Como compreendo e sinto a sua alegria!

É esta mensagem fonte de

muitas sugestões para discutir. Mas eu quero fixar-me numa — infelizmente rara — consciência social. O seu objectivo, mais do que os equipamentos, visa as pessoas. Ou não fosse ela Professora experimentada em segura pedagogia!

Dar uma casa é muito e bem. Fazer que a queiram aqueles para quem ela será, é mais e melhor. Por isso..., «eu dou-lhes de cada vez que a casa avança... Se eles param, eu paro. Quero que eles se sacrifiquem a pagar o que há-de ser seu e não fiquem só à espera do que há-de cair do céu».

Não se trata, pois, de simples bondade, mas de bondade inteligente. Assim era e fazia Pai Américo: «Eu ando com quem anda». Nada de veleidades, mas uma vontade esclarecida e determinada no respeito essencial pela liberdade dos Outros.

Isto é amar o Homem no ser-vi-lo, sem impor o serviço tão obstinadamente que se corra o risco de perder de vista o próprio Homem. «A Caridade é paciente, é benigna; tudo espera, tudo sofre.» Dela resulta o equilíbrio entre o que se espera de Deus e o que o Homem tem de pôr de si-mesmo. «Sei, pelo custo da vida, que sozinho não chegam ao fim.» Mas «que não fiquem só à espera do que há-de cair do céu!»

De que serviria a casa, em lugar do curral, se ao fim não houvesse pessoas mais humanizadas para nela se abrigarem? Este o requinte de quem age a partir da Fé, na santa ambição de ganhar casa e caseiros. Sem eles, a casa nunca chegaria a ser objectivo plenamente válido. Por eles, com o suor e o sacrifício deles, sim.

Porque «o casal lá compreendeu que é preciso ajudar para ser ajudado; pediu e se humilidou» (o fundamento humano) — «eu sei, diz-mo a Fé, que eles vão ter casa».

«Deus é imenso e quando é preciso, Ele sopra.» «Nas Suas mãos entrego este caso.»

Padre Carlos

## Tribuna de Coimbra

Que bom! Tem vindo um grupo de médicos, vários dias a fazer uma revisão geral à saúde dos nossos rapazes. Têm encontrado muitos dentes estragados, ouvidos a purgar, olhos a ver mal e outras deficiências. Muitos dos pequenos até querem ter qualquer coisa doente, pela forma como são tratados. Há muitos que por tudo e por nada vêm pedir para ir ao Centro de Saúde. No Centro dão-lhes tantos mimos que eles esquecem-se de vir para Casa. Os que têm de ir aos tratamentos hospitalares a Coimbra são, geralmente, também muito bem acolhidos. «São meninos da Casa do

Cont. na 4.ª página

FESTAS — As Festas têm sido, desde há largos anos, uma constante da nossa vida.

É uma maneira de os rapazes se promoverem naturalmente, de conviverem cerca de duas horas nas salas em que nos encontramos. É uma maneira do primitivo «lixo da rua» ser agora útil a parte da nossa sociedade, levando-lhe alegria, conforto, mensagem, carinho.

Assim, cá por Casa, já se fala em Festas com um certo dinamismo.

Desejo que as Festas sejam feitas com muito amor da parte de todos, pois é fundamentalmente o amor que todos os anos levamos ao nosso público; e dar amor sem o viver é impossível. Também desejo que os mais responsáveis na tarefa da preparação das Festas, façam tudo com muita convicção, pensando sempre nas possibilidades de se dar cada vez mais.

Que as Festas, para os rapazes, sejam grande fonte de cultura.

Carlitos

### Notícias da Conferência de Paro de Sousa

Depois de visitarmos a moradia que os nossos leitores ergueram para a mulher cujo marido abandonou o lar — refugiando-se ela mais os filhos no barraco dos avós — seguimos para outras bandas. A Miséria e o sofrimento estão onde menos se espera!

Descemos o campo por veredas, entre o arvoredo e o cantar das águas do ribeiro. Pequenos retalhos de terra fértil, mimosa. Ao fundo, em vasta panorâmica, ressalta o extenso vale do Sousa. Quedamos um tudo nada, com a curiosidade de sempre.

Atravessamos um tapete de verdura e topamos uma Viúva a cegar erva mai-lo filho; mulher de meia idade, gasta pela dureza da vida.

— Foi por Deus, passar à-lameiro...!

— Já não a via há muito tempo! — Acajo desde a morte do meu home. Lembra-se?

— ...  
— V. trataram dos papéis prà Caixa. Recebo só três notas por mês! A minha vida tem sido dura, muito dura! Tenho sete filhos...!

Ao serviço de lavrador abastado, o homem, que Deus tem, foi nado e criado na terra. Um dia, porém, na miragem de melhores condições de vida, larga o Campo, vai para as minas — e morre de acidente.

— A gente triga-se (leia-se: tem vergonha) d'incomodar... Olhe: a minha filha tem muitos ataques...

Chama por ela e esclarece andar pelos 23 anos. De aspecto seriam mais de 30. Marcada pela doença, até nos vira as costas, sobrolho carregado.

— Tá assim! Era cheia de vida; hoje não. Adei, eu sofro tanto, tanto! Tenho sete filhos...!

É de supor que a moça sofra de epilepsia e algo mais. Sugerimos uma consulta da especialidade. Que sim.

— Mas ela não tem Caixa...

— Vamos tratar do assunto. Inteirada da situação, a assistente social do departamento clínico atende à urgência e a cachopa já está medicada como deve ser.

Há muitos casos assim no interior do País!

Como resposta à afirmação do costume — «A gente triga-se; não sabemos dar as voltas» — abrimos caminho; e seguiram pelo seu pé. Depois, já cidadãos de primeira, saberão como é — e defendem-se.

● O sol já dobra o poente. Mas conseguimos deitar mão a outro caso.

O ancião recebe-nos com um sorriso transparente, depois amargurado.

— A minha casa está a cair de pôdre. Veja, veja... Os barrotes são de pinho que não resiste à tempo. Paredes rachadas... Há dias em que

tenho medo de estar em casa!...

— ...  
— Os filhos já andam a tratar dos materiais. Pediram madeira aos proprietários. Tá a ver? É lenha dos toros. Dá prà lareira. Vão sarrar a madeira. Fecharam o negócio da telha. Os materiais é q'ê pior...! Vão fazer a obra, mas eu não posso — com esta idade! Q'ria viver aqui mais uns anitos, depois da obra feita. É a minha casa. Deus queira que sim!

Não é costume, mas levávamos já uma contribuição adiantada — para a telha.

— Confiam em mim? Santo Deus!... Acha que fumega e estimula a família inteira:

— Um é trolha. Oitro, carpinteiro. Os mais dão um jeito a tudo. Mal a obra fique pronta, passo recado. Vão gostar.

É deu-nos um abraço apertado.

PARTILHA — De Setúbal, 250\$00 «para a Conferência e seus quase milagres conseguidos». É presença vicentina que muito nos sensibiliza. Um desabafo cristão, d'algures: «Acabo de ler e, como sempre, com lágrimas irreprimíveis, O GAIATO de 6 de Fevereiro.

Junto cheque, cuja importância gostaria fosse repartida em partes iguais, pela Conferência e Calvário.

Tive a dita de conhecer e contactar, pessoalmente, o bom Padre Américo. Fiquei «tocado» para a minha vida! Não consigo ler O GAIATO, pois sempre as lágrimas brotam dos meus olhos...

Estou já velho, próximo dos oitenta; não sei o que Deus me destinará ou o que quer de mim. Os meus filhos, a quem dei sempre o exemplo da prática religiosa, não praticam... Tenho desgosto e sinto a minha culpa de não ter sabido incutir-lhes a Fé em Deus; de não ter sabido transmitir-lhes a Fé que os meus Pais, só pelo exemplo, me transmitiram. São os meus pecados!»

Documento d'alma!

Parade, «cheque com uma peque-

na ajuda para os nossos Irmãos mais necessitados da Conferência de Paço de Sousa. Há que tempos o devia ter feito! Era para ir pelo Natal, mas tive a vida atrapalhada, sem tempo para dispor.

Logo que possa envio outra ajuda.» Assinante 1295, 300\$00. Mais 260\$00 do n.º 18223. «Uma portuense qualquer», de novo presente, com «250\$00 a primeira migalhinha deste novo ano e peço ao Senhor me ajude a ser fiel a este compromisso que voluntariamente tomei e a ser mais generosa».

Lisboa, 200\$00 pela mão da assinante 32395. O costume da 19177. Para a casa da mulher que o marido abandonou: mil escudos de «uma Alentejana». Metade de Macedo de Cavaleiros. Idem «por alma de Mário Pinheiro». Idem de uma visitante, muito assídua. Oeiras, 100\$00. Coimbra, três notas «para uns velhinhos, por alma de meu Pai». Cheque de «Amigo de sempre». Assinante 10458, 500\$00. Assinante 18206, metade. Vale de correio com parte do vencimento mensal: 3.800\$00. Há quantos anos! «Velha Amiga», de Lisboa, 500\$00. Rua Clemente Menéres, Porto, 100\$00. «Por alma de Maria Cândida», 500\$00. Mais duas presenças da assinante 19177: 200\$00. Rita, de algures, mil e outras coisas mais. Assinante 23259, 300\$00. Remessa amorosa de Vila Viçosa. Assinante 31104, 3.000\$00 para um doente pobre. «Avozinha de S. João da Madeira», 300\$00. Rua Coelho da Rocha, Lisboa, 500\$00. Rua 19, Espinho, remanescente de contos. Anónimo, de Lisboa, cheque para resolução dum problema que referimos. E mais outro, de um Vicentino lisboeta:

«Como sempre, foi O GAIATO, no seu número de 20 de Fevereiro, o porta-voz de Alguém que precisa de solidariedade cristã, graças à qual vê quase concretizado o seu sonho — que é uma necessidade — de ter a sua moradia: trata-se da pobre mulher separada do marido.»

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

# AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

um verdadeiro assassinato, tanto mais odioso e repugnante quando se trata de eliminar um ser frágil — incapaz de se defender. Mesmo na dúvida, quem se atreverá, em consciência, a suprimir algo que possa ter vida?

«Não matarás» é um Mandamento sagrado que a Igreja tem a obrigação de comunicar e de defender. Ao fazê-lo

mais não cumpre que o seu dever, dado o valor da vida humana em si mesma e da sua consequente intangibilidade. Relativizar a vida, não considerando o seu teor absoluto, estaria aberto o caminho para a adopção da eutanásia, da supressão dos deficientes e da eliminação dos velhos ou precocemente depauperados. De degrau em degrau, paulatinamente, despenalizar o aborto será caminhar também para a despe-

nalização de toda a série de crimes e de atrocidades.

Sucessivamente, embora ao de leve, faremos aqui algumas referências a este assunto, analisando as razões aduzidas. Não queremos, porém, terminar sem referir a incoerência dos tempos: anda toda a gente preocupada com a conservação da vida animal e vegetal, enquanto o direito primordial da Criança — o de nascer — está a ser alvo dos ataques mais desenfreados. Na verdade, o pensamento de Plauto, «homo homini lupus», tem aqui perfeito cabimento.

● Já aqui referimos o facto de ter sido retirada às Instituições de Solidariedade Social a faculdade de proporem os seus próprios Professores, para as Escolas delas dependentes. Esperamos que tal injustiça seja reparada a curto prazo, pelo agravo e pelas consequências nefastas que envolve.

O adiamento sucessivo da possibilidade de as Escolas se poderem transformar em particulares, com a garantia dos direitos dos seus Mestres, mais agudiza o problema.

Exemplificando: Uma Instituição como a nossa rege-se por normas e princípios específicos, com uma determinada visão do homem, do seu ser e do seu agir, do seu princípio e do seu fim. Todos os seus servidores devem, pois, dirigir os seus esforços, em perfeita comunhão, em ordem aos objectivos procurados. Se algum dos seus membros não jogar, digamos assim, no mesmo espírito, toda a equipa se ressentirá, com manifesto prejuízo para

todos. Esperamos que o bom senso acabe por imperar.

● Monumental — Podemos anunciar que a nossa Fes-

Padre Luiz

## PARTILHANDO

● O Porto é cidade amiga. Dá e dá-se. Acolhe, abrindo as portas. Senta-se com os Pobres à mesa. Trabalha e distribui. Ouve o que quer e diz o que sente... Outras cidades, também!

De lá nos têm batido à porta, ultimamente, com insistência, para casos graves de rapazes abandonados ou em vias disso. O nosso «para já, não» parece-nos, às vezes, uma ofensa dirigida ao caso em questão. E a compreensão do nosso «não» ainda aflige mais.

Todos sentem o abandono de crianças a aumentar...

E, por isso, o nosso «para já, não» aumenta e compreende-se. Até quando?...

● O nosso grupo da «lenha» é o mais falado, cá em Casa. Um grupo especial. É como uma seara de trigo com algum joio pelo meio. Arriscamos o crescimento em conjunto.

Acreditamos na transformação do mal pelo contágio com o bem.

O chefe deste grupo tem uma missão difícil a cumprir. Que o grupo esteja unido e ocupado em tarefas úteis para a comunidade. Era o «Chinês», o chefe. Não foi capaz de cumprir. Não dava exemplo. Não sabia estar. Chefe só em teoria, igual a zero. Tirámo-lo. «Ri-Ri» ocupou aquele lugar «vácuo» e por isso bem mais difícil! Traz com ele a bagagem do seu bom comportamento no trabalho que deixou. O «Chinês» foi ocupar o lugar do «Ri-Ri». Dois lugares difíceis de substituir. O êxito dum e o fracasso do outro a dificultar e a motivar a futura missão de cada um. Lado a lado e tocando-se nos extremos. Assim é a nossa vida bem cheia de extremos!

Padre Moura

## TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 3.ª página

Gaiato» — dizem médicos e pessoal de enfermagem. Há dias, o José Miguel disse ao médico que o companheiro tinha gasto toda a pasta de dentes e logo o sr. doutor pegou numa nota de cem e lha entregou para uma pasta. Sabem-nos tão bem o acolhimento assim eficiente!

Queríamos aqui registado todo o bem que recebemos, mas é impossível e também não é tudo da nossa conta. O Pai Celeste tem tudo à conta de cada um. A amizade da Pereira vem algumas vezes; lembrança no baptizado da Marta Filipa; promessa de Mira; a amizade que recorda os «entes queridos»; senhor que deixou quatro contos no Banco; vale de Amigo de Quilios; três mil e mimos e a visita de casal da Marinha Grande; mil e roupas da Lousã; senhora, da Lousã, veio lembrar o marido que Deus chamou; vale de Amiga, de Abrantes; os vales mensais de Amiga, já de há

muitos anos, de Vilar Formoso; os cheques de Amigos da Mealhada; os donos do Aviário de Santa Cita, com dez mil e todos os pintainhos que durante o ano lhes pedimos.

Cheque de Trancoso; vale do Luso; entregas ao vendedor de Figueiró dos Vinhos; lembranças aos vendedores, em Leiria; cinco mil por alma do pai, dois mil pelo marido; cheque dum dos nossos, do Porto; cheque de Amiga, da Cruz Quebrada; vale de Barcelos; cheque de Meãs do Campo; cheque grande, de Cantanhede; carta de Miranda; cheque da Figueira; Anónima de Cantanhede; vale de Olivais Sul; ofertório na Missa de casamento em Portomar; a oferta anual da Confraria da Rainha Santa; vale de S. Jorge da Batalha; ofertas dos alunos da Escola de Santar; cheque de Pombal; lembrança de «leitora de Nissa»; mil de Jorge, Rui e Paulo; cheque de Castanheira de Pera; oferta «em nome de Santa Joana d'Arc»; chamada a restaurante da Figueira; vale de Condeixa; cheque de Lisboa e

outros cheques e vales da capital.

Ofertório na capela da Parelheira; carta de Seia; vale de Arganil; cheque de Vila Nova de Ourém; cheque de casal muito amigo, residente em Odivelas; Amigo de Pampilhosa da Serra que passou por nossa Casa; cheque de avô e dos «netinhos», de Mação; cheque de Viseu e carta muito familiar; lembrança dum dos nossos a trabalhar na Alemanha; mil de senhora de Serpins; mil de «anónimo», de Brasfemes; cheque de Amigo, de Almada; cheque da Damaia.

Vale de Anadia; dois mil de parentes de S. Paulo; Amigo de 93 anos, de Chão de Couce; cheque de médico de Mira; bom e velho Amigo, agora a viver em V. N. de Famalicão; ofertas entregues ao vendedor da Sertã; os Amigos de Castelo Branco; os da Covilhã; e muitos e muitos que vieram até nós ao Lar de Coimbra e aqui, em Miranda do Corvo.

Bem hajam todos.

Padre Horácio

ta anual está marcada para o próximo dia 9 de Maio, pelas 11 horas da manhã. Em breve serão postos à venda, nos locais do costume, os respectivos bilhetes. Não se esqueçam, pois, para não suceder como os demais anos, em que os retardatários não encontraram já lugares disponíveis.



As comunidades de Setúbal, Tojal e Miranda do Corvo já ensaiam Festas! Paço de Sousa é que não; faz uma pausa este ano — por conveniência geral.

## CALVÁRIO

Cont. da 1.ª página

gundo foi-me entregue pelo pai, numa barraca, a meia encosta, da Nazaré. Os gatos cuidam daqueles que são seus. Os homens por vezes não!

Não dou muitos passos e estou na vacaria. É uma azáfama. Acabaram a ordenha. Uns medem o leite. Outros deitam a ração. Outros ainda colocam em montes a erva que irão deitar de seguida. Dois mais pequenos preparam o leite para os vitelos. Estes são autênticos bebés a clamar pelo alimento. Os rapazes gritam que já vão. E o Zé vai mesmo com dois baldes nas mãos. As cabeças dos animais saem fora das grades dos seus compartimentos e o leite é sorvido gulosamente e com toda a avidez. O rapaz sorri.

— Ele está com fome — atira-me o Zé, por cima dos ombros.

Este rapaz sabe o que é a fome, quando noutros tempos

andava por lá fugido da madrasta que o espancava. Talvez por isso goste tanto de dar de comer a quem tem fome. Este contacto são, com a Natureza, não deixa que o homem se perca. Se muitos tivessem igualmente passado necessidades acolheriam, certamente, com mais prontidão, aqueles que precisam.

Parto destes aposentos onde o calor dos animais me embacia os óculos e retomo o ar gelado da manhã. Pingos de água tombam das árvores em redor do campo de jogos. Gotas no solo cintilam como cristais acordadas pela aurora. Um bando de pássaros quebra o chilreio na copa dum cedro. Assustei-os, por certo, ao passar. Vagarosamente embrenho-me para outros lados e de novo as aves retomam o canto na copa de cedro alto e acolhedor. Gosto destas manhãs de paz!

Padre Baptista

Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa